



Espelhas as ideias

De volta a Zimmerwald: repensando o internacionalismo

por **Franco “Bifo” Berardi**

Tradução: Diogo M. C. de Oliveira

Revisão: Philippe Augusto Carvalho Campos

No início do século 20, a cultura da Vanguarda, e particularmente o Futurismo – ambos em suas versões russa e italiana – expressaram o projeto de modernização delineando dois movimentos diferentes no campo da estética e da imaginação social: o primeiro movimento era a crítica cosmopolita da tradição, o segundo era o nacionalismo e agressividade política. Ironia, tolerância, abertura, no primeiro movimento, intensidade apaixonada e intolerância no segundo.

Essa duplicidade antecipa algo da ação política que os movimentos revolucionários desenvolveram no desfecho da primeira guerra mundial. Universalismo e nacionalismo coexistiram em diversos graus na experiência da Vanguarda que buscava simultaneamente projeto e utopia.

Eu quero tentar retrair essa duplicidade na experiência histórica da Revolução Soviética, e particularmente na não tão consistente estratégia de Vladimir Lenin. Meu ponto de partida, contudo, será a conjuntura atual, cem anos após o início do experimento soviético. Como eu não sou um historiador, eu prefiro questionar os eventos de 1917 do ponto de vista do presente: do ponto de vista das possibilidades que esses eventos abriram ao futuro político do mundo, e sobretudo nas possibilidades que eles destruíram e encerraram.

Agora, cem anos depois, nós dificilmente vemos uma saída da mais escura das noites, de modo que é legítimo repensar o mais extremo (e mais amaldiçoado) dos projetos: o projeto do Comunismo, que infelizmente tem sido identificado com o experimento russo, para então ser rejeitado pela consciência política do nosso tempo.

Na mais escura das noites

O comunismo tem sido a única tentativa razoável de evitar o irrompimento da barbaridade e do assassinio em massa numa escala planetária e de iniciar a redistribuição da riqueza global a fim de impedir a vingança armada dos herdeiros da humilhação colonial. Lamentavelmente o Comunismo também tem sido a continuação do estilo político autoritário que está profundamente enraizado na cultura russa e da aplicação de um modelo de controle totalitário sobre a vida social.

A medida que o horizonte do movimento comunista no mundo foi identificado com o experimento totalitário russo, a falha soviética provocou a falha do comunismo no mundo todo. A derrota do movimento dos trabalhadores e a obliteração do prospecto do comunismo, que ocorreram no mesmo ano mas possuem causas diferentes embora interdependentes, destruíram qualquer possibilidade de terreno comum entre a classe explorada ocidental e os bilhões de pessoas oprimidas que são herdeiras de cinco séculos de longa história de colonização.

A separação da classe trabalhadora ocidental das populações oprimidas dos países colonizados está atualmente resultando numa catástrofe política que está ameaçando o futuro da própria humanidade.

A população que sofre com as consequências das prolongadas de exploração imperialista estão se rebelando hoje sem qualquer esperança política, recorrendo a todo tipo possível de armas, incluindo suicídio religioso, a fim de se vingar da infundável humilhação que os predadores forçaram sobre eles.

Privados do horizonte estratégico de emancipação social, incapazes de reconhecer a exploração como seu lote comum e seu território comum de identificação, os trabalhadores ocidentais estão seguindo agendas nacionalistas para evitar os efeitos da globalização e principalmente para punir a esquerda neoliberal que eles consideram (não tão injustamente) responsável por sua miséria e impotência política.

Na verdade a esquerda neoliberal tirou da sociedade a possibilidade de qualquer autonomia diante do destino do capitalismo financeiro e reduziu os trabalhadores ao estereótipo de classe média. Agora a classe trabalhadora ocidental está encontrando no Trumpismo global uma nova política de orgulho baseada em formas nacionalistas e racistas de identificação.

Meu escrutínio em retrospecto não visa a avaliar historicamente os fatos do passado, mas sim ponderar sobre nossa distância de 1917 e reformular uma estratégia para um processo bastante necessário de saída do capitalismo e para um futuro pacífico do planeta.

A saída do capitalismo moderno não pode ser menos que uma tragédia, porque os nós atados pela violência colonialista não pode ser afrouxados sem traumas. Isso é sabido desde 1914, quando o conflito imperialista desencadeou a luta geopolítica entre nacionalismos e pavimentou o caminho para revoluções sociais violentas.

Mas a extensão da tragédia não era previsível cem anos atrás, e não é completamente previsível agora. No entanto, cem anos atrás, o capitalismo e a modernidade eram distinguíveis para que uma saída do capitalismo fosse concebível dentro do quadro antropológico da modernidade. Hoje em dia, uma saída política do capitalismo parece

estar fora do cenário, já que no novo quadro antropológico, marcado pelo regime de comunicação pós-moderno, a decisão política é substituída pela governança automática.

Neste ponto, o fim do capitalismo tende a ser imaginável apenas enquanto fim da própria civilização. Questionar a revolução soviética e seu fracasso é a condição para imaginar a saída do capitalismo no duplo sentido (político e antropológico).

Nos anos 80 do século passado as palavras pós-moderno e pós-colonial entraram triunfalmente no léxico cultural, insinuando que a saída pacífica das formas gerais da modernidade estava a mão. Não estava, porque o legado de quinhentos anos de exploração mundial e concentração da riqueza pelo ocidente consiste em tendências que parecem irreversíveis: devastação do meio ambiente, empobrecimento da vida social e agressão sistemática na psicosfera.

O largo uso do prefixo “pós” desde os anos 80 tentou evadir a trágica taxa exigida pela mutação que segue a transformação tecnológica da produção social e da comunicação.

Agora, no centésimo aniversário da Revolução Soviética, um ato que foi concebido como uma saída do capitalismo moderno (mas não do modelo antropológico da Modernidade), na medida em que revemos em retrospecto a dimensão da derrota do comunismo e as consequências dessa derrota, nós não podemos escapar da percepção do caos em espiral no campo social e no geopolítico.

A mais escura das noites está caindo sobre o planeta, desde as Filipinas onde Rodrigo Duterte solicita aos soldados para não estuprarem mais que três mulheres e matar pessoas que são suspeitas de ser traficantes de drogas, até a Índia do nacionalista assassino de hindus Norendra Modi, da Turquia, onde milhares de professores foram demitidos pelo ditador islamo-facista, à Hungria e Polônia, dos Estados Unidos ao Reino Unido – as pessoas estão enfrentando diferentes graus de autoritarismo, racismo e violência. Há uma saída? Há um caminho de volta para a democracia? Eu acho que não.

Uma volta às condições mentais da obnubilização agressiva é inimaginável, e a erradicação das condicionais sociais que levaram à disseminação do ódio parece atualmente impossível. Vamos encarar. A situação presente foi preparada por qua-

renta anos de competição neoliberal: nós temos de remontar à origem dessa longa onda.

Alguém disse em 68: socialismo ou barbárie. Não era um “jeu de mots” [jogo de palavras], era uma previsão lúcida.

Socialismo ou barbárie

A década de 68 foi o pico do progresso humano, o pico da democracia como participação crítica; desde então nós temos vivido um processo contínuo de de-evolução, retrocesso político e empobrecimento social. Por quê?

Em 68 o gênero humano atingiu o ponto de máxima convergência do conhecimento tecnológico e da consciência social. Desde então a potência tecnológica tem se expandido constantemente, enquanto a consciência social diminui relativamente. Como resultado, a técnica obteve um poder crescente sobre a vida social, enquanto a sociedade não é mais capaz de governar a si mesma.

Na conjuntura que nós chamados de 68, era esperado que a consciência social tomasse controle sobre as mudanças tecnológicas e direcionasse-as para o bem comum. Mas o contrário aconteceu; naquele ponto os partidos de esquerda e os sindicatos consideraram a tecnologia um perigo ao invés de uma oportunidade para dominá-la e submetê-la ao interesse social. A libertação do trabalho foi tachada de desemprego, e a esquerda se engajou em combater a imparável transformação técnica.

Na medida em que a democracia se provou incapaz de governar a mudança técnico-antropológica, a desregulamentação das finanças e da tecnologia prosseguiu com um processo duradouro de desmantelamento das formas de consciência social preexistentes. Como um efeito da privatização neoliberal, o sistema educacional foi subjugado às necessidades do lucro, e o pensamento crítico foi separado da pesquisa e desenvolvimento. A essa altura a divisão entre consciência social e inovação tecnologia ampliou e ampliou.

De modo a retrair as raízes históricas dessa divisão, nós temos de voltar a Revolução Russa e à derrota da perspectiva comunista, uma derrota que se inscreveu na decisão revolucionária de Lenin como o pôr-do-sol está inscrito no nascer do sol.

A questão é: porque a geração política que emergiu

em 68 perdeu a oportunidade de unir solidariedade social e transformação tecnológica? A resposta, em minha opinião, reside na inabilidade do movimento de 68 de se libertar da tradição baseada em 1917. Nos anos 60 uma nova composição do trabalho surgia baseada na educação em massa e na intelectualização da produção, mas o contexto cultural herdado da Revolução Russa persistiu como a mentalidade dominante dos intelectuais e ativistas de 68.

1914 e 1917

Nos anos da primeira guerra mundial, Lenin fez dois movimentos ousados: o primeiro movimento ele fez em Zimmerwald, em 1914. A guerra estava começando, e os socialistas alemães e franceses, nos parlamentos de seus estados nacionais conflituosos, votaram pelos créditos da guerra. Eles traíram o internacionalismo pelo bem do interesse nacional.

Lenin disse não a essa traição e rompeu com a segunda Internacional.

Este movimento marcou o começo da história do Comunismo no século XX.

O segundo movimento veio em abril de 1917, quando Lenin, retornando à Rússia, deflagrou a Revolução Bolchevique com as palavras: todo poder aos Sovietes. Nesse segundo movimento eu localizo as raízes da catástrofe do Comunismo no século, porque esse movimento identificou socialismo com um estado nacional e obrigou os proletários do mundo a imaginar a revolução dentro das fronteiras nacionais e a conceber sua autonomia em termos nacionais.

Na perspectiva da evolução a longo prazo, a Revolução Soviética bloqueou o processo de organização social das forças internacionalistas que estavam crescendo imensamente sob o fogo da guerra imperialista, de modo que o espírito da guerra nacional marcou os anos de Stalin enquanto o fascismo emergia e ganhava terreno, nutrido pela derrota da autonomia dos trabalhadores e pelo medo burguês do perigo bolchevique.

Em 1914 Lenin tinha ido além da razão política do moderno Estado nacional, além de Maquiavel e Hobbes. Rompendo com o compromisso nacional dos partidos socialistas da Alemanha e

da França, o autor de Imperialismo: o estágio mais avançado do capitalismo abria o caminho para o processo de unificação dos trabalhadores industriais com as pessoas colonizadas do mundo, um processo de lenta dissolução de nações e de vagarosa formação do autogoverno pós-nacional dos trabalhadores internacionais.

Em 1917, contudo, Lenin recuou, estabelecendo regras do estado nacional, e submeteu o interesse autônomo da classe trabalhadora às regras da guerra nacional.

Quando nas décadas de 60 e 70 uma nova possibilidade emergiu do levante comum dos oprimidos e os explorados do mundo, o legado da Revolução Soviética desempenhou um papel ambíguo, obrigando o movimento a repetir a tentativa leninista e a falha leninista. O legado e a memória do Bolchevismo levaram os estudantes e trabalhadores da insurreição global de 68 a se concentrar principalmente no assalto político contra o Estado, perdendo a oportunidade de uma ação pós-política de apropriação do conhecimento e da tecnologia.

Agora, no novo século, o legado de Lenin foi completamente dissolvido, e nós perdemos simultaneamente a memória de 1914 e de 1917.

Olhando para trás, para a experiência do século passado, nós devemos ser capazes de distinguir entre dois momentos, a fim de reatualizar o significado de internacionalismo enquanto abandonando a teoria e a ilusão do subjetivismo político.

A experiência italiana da década de 70 tem sido o melhor exemplo desse erro: o movimento autônomo foi culturalmente além dos limites do leninismo, mas os leninistas conseguiram impor seu subjetivismo e sua visão obsessiva do Partido contra o Estado, provocando a total politização do movimento e, finalmente, sua destruição terrorista.

Guerra civil global

Em 2016, na sequência da crise da globalização, enquanto os ingleses votavam o Brexit e os americanos ouviam Trump, Zbigniew Brzezinski publicou um artigo titulado *Toward a global realignment* [“Em direção a um realinhamento global”].

Massacres periódicos de seus não-tão-distantes ancestrais por colonizadores procuradores-de-ri

queza associados, majoritariamente da Europa ocidental (países que hoje são, pelo menos ainda tentativamente, abertos à coabitação multiétnica), resultaram, dentro dos últimos dois séculos ou mais, no extermínio de pessoas colonizadas numa escala comparável aos crimes nazistas da II Guerra Mundial: literalmente envolvendo centenas de milhares e até milhões de vítimas. A auto-asserção política reforçada pela indignação tardia e ressentimento é uma força poderosa que agora está emergindo, sedenta por vingança, não apenas no Oriente Médio muçulmano, mas também muito provavelmente além dele.

Muitos dos dados não podem ser estabelecidos com precisão, mas, coletivamente, são chocantes. Deixemos apenas alguns exemplos suficientes. No século 16, largamente em razão de doenças trazidas pelos exploradores espanhóis, a população do nativo império Asteca, atualmente México, declinou de 25 milhões para aproximadamente um milhão. Semelhantemente, na América do Norte, estimados 90 por cento da população nativa morreu dentro dos primeiros cinco anos do contato com colonos europeus, principalmente por causa de doenças. No século 19, várias guerras e reassentamentos forçados mataram mais 100.000. Na Índia de 1857-1867, os ingleses são suspeitos de matar até um milhão de civis em represálias decorrentes da Revolução Indiana de 1857. O uso da agricultura indiana pela Companhia Inglesa das Índias Orientais para a cultura de ópio, essencialmente forçado sobre a China, resultou na morte prematura de milhões, não incluindo as casualidades chinesas diretamente afetadas pelas Primeira e Segunda Guerras do Ópio. No Congo, que era o estabelecimento pessoal do rei belga Leopoldo II, 10-15 milhões de pessoas foram assassinadas entre 1890 e 1910. No Vietnã, estimativas recentes sugerem que entre um e três milhões de civis foram assassinados de 1955 a 1975.

Quanto ao mundo muçulmano no Cáucaso Russo, de 1864 e 1867, 90 por cento da população circassiana local foi forçadamente realocada e entre 300.000 e 1.5 milhões ou morreram de fome ou foram assassinadas. Entre 1916 e 1918, dezenas de milhares de muçulmanos foram assassinados quando 300.000 turcos muçulmanos foram forçados por autoridades russas através das montanhas

da Ásia Central e para dentro da China. Na Indonésia, entre 1835 e 1840, os ocupantes holandeses mataram estimados 300.000 civis. Na Argélia, após uma guerra civil de 15 anos, de 1830 a 1845, a brutalidade francesa, a fome e a doença mataram 1.5 milhões de argelinos, quase metade da população. Na vizinha Líbia, os italianos compeliram os ceneianos a campos de concentração, onde estimados 80.000 a 500.000 morreram entre 1927 e 1934. Mais recentemente, no Afeganistão, entre 1979 e 1989, estima-se que a União Soviética matou em torno de um milhão de civis; duas décadas mais tarde, os Estados Unidos mataram 26.000 civis durante sua guerra de 15 anos no Afeganistão. No Iraque, 165.000 civis foram mortos pelos Estados Unidos e seus aliados nos últimos 13 anos. (A disparidade entre o número relatado de mortes causadas pelos colonizadores europeus em comparação com os Estados Unidos e seus aliados no Iraque e no Afeganistão deve-se em parte aos avanços tecnológicos que resultaram no uso mais produtivo da força e também em parte a uma mudança no clima normativo do mundo.). Tão chocante quanto a escalada dessas atrocidades é o quão rapidamente o Ocidente esqueceu-se delas. (The American Interest, junho de 2016).

Eu sei, a citação é longa, mas merece ser lida, porque está nos lembrando que débitos são para ser pagos: não apenas os financeiros, mas também os débitos históricos. E eles são mais difíceis de retribuir.

O que Brzesinski está descrevendo aqui com palavras incrivelmente desafiadoras é o enredo de uma espécie de jogo final apocalíptico: os humilhados do passado estão não em condições de se vingar da humilhação passada. O exército dos vingadores está farto de centenas de milhões de jovens desempregados aos quais foi prometido democracia e bem estar, e que na verdade receberam guerra e miséria. Eles não têm nada a perder exceto sua vida e estão dispostos a desfazer-se dela em troca de vingança, enquanto que pela primeira vez na história eles têm acesso a armas de destruição em massa.

É inútil convidar aquelas milhões de pessoas que estão preparando para o seu ato final para refletir racionalmente e agir de forma política: eles apenas querem vingança. E sua vingança é a des-

truição na vida normal nas cidades do Ocidente, a dissolução da confiança entre pessoas, eles querem espalhar o medo em todos os nichos da vida cotidiana, e eles estão ganhando essa guerra.

A ascensão de Donald Trump é compreensível no quadro de uma espécie de contração de suprematistas brancos alimentada pelo medo do declínio e pela percepção de uma guerra civil global que se alastra.

Os trabalhadores brancos, empobrecidos nas décadas da hegemonia centro-esquerda liberal estão agora se revoltando contra a democracia e contra o globalismo.

Enquanto o conflito se opor a globalistas neoliberais e nacionalistas anti-globais, será espiralado com consequências devastadoras para a vida social e para a paz. Somente o surgimento de um terceiro ator, a solidariedade consciente entre os trabalhadores além dos limites das nações, pode dissipar a catástrofe final.

Tanto quanto podemos prever, esse surgimento é impossível.

No entanto, nas palavras de John Maynard Keynes, o inevitável geralmente não acontece porque o imprevisível prevalece.

É fácil ver o inevitável hoje: a terceira guerra mundial se desdobrando de uma maneira diferente das duas guerras anteriores e o complexo de meios tecnológicos que controlam a mente hiperconectada. Não uma luta entre potências imperialistas, mas uma guerra civil generalizada opondo clãs, tribos, populações e fé religiosa sob o guarda-chuva de uma sede insaciável de vingança. E uma esfera isolada de automação do cérebro social.

Como esta estagnação é uma consequência da dissolução do internacionalismo, apenas um retorno da consciência internacionalista (bastante improvável no momento) pode evitar a perspectiva apocalíptica que se aproxima.

A obliteração do horizonte comunista da cena geopolítica cancelou essa consciência e a precarização neoliberal do trabalho comprometeu a solidariedade social. Nestas condições, a vingança dos oprimidos dos países colonizados diverge dramaticamente da rebelião da classe trabalhadora ocidental.

Nenhuma decisão política eliminará esse pesado legado e os efeitos do trauma que se avulta no horizonte do século XXI. O que podemos fazer é criar as condições para os tempos pós-apocalípticos. A primeira tarefa nesta visão é libertar-se da mitologia de 1917 ao distinguir entre Lenin em Zimmerwald e Lênin em Petrogrado.

23 de junho de 2017.

